

Análise exploratória do comportamento verbal interpretativo de uma cliente adulta no contexto clínico

Exploratory analysis of an adult client's interpretative verbal behavior in the clinical setting

Joene Vieira-Santos¹
Sílvia Cnaan²

Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo

Considerando que uma das principais metas da terapia é favorecer o autoconhecimento do cliente, o objetivo deste estudo foi analisar as respostas verbais de uma cliente categorizadas como "interpretativas" no contexto clínico de acordo com as definições de um estudo anterior. O método consistiu na análise e classificação de 14 sessões terapêuticas. Os resultados mostraram a ocorrência das seguintes categorias no repertório verbal da cliente: Informação, Investigação, Interpretação e Conseqüenciação. Verificou-se ainda que: a) interpretações ocorreram em 74,88% dos episódios verbais; b) a cliente interpretou com a função de explicar algo em 78,00% do total de interpretações e c) a cliente focalizou seu próprio comportamento em 73,20% das interpretações. Tais resultados parecem confirmar a hipótese de que o *setting* terapêutico é um ambiente que favorece a emissão de interpretações, contribuindo para o autoconhecimento do cliente.

Palavras-chave: Interpretação, Comportamento verbal, Terapia comportamental, Autoconhecimento.

Abstract

Considering that one of the main behavior therapy purpose is to promote the client's self-knowledge, the objective of this study was to analyse the verbal responses of an adult client categorized as "interpretative" in the clinical context according to the definitions of a previous study. The method consisted of the analysis and classification of 14 therapeutic sessions. The results showed the occurrence of the following categories in the client's verbal repertoire: Information, Investigation, Interpretation and Consequencing. It was also found that: a) interpretations occurred in 74,88% of the client's verbal episodes; b) the client interpreted with the function of explaining something in 78,00% of the interpretations and c) the client focused her own behavior in 73,20% of the interpretations. Such results seem to confirm the hypothesis of that the therapeutical *setting* is an environment in which the emission of interpretations is favored, thus contributing to the client's self-knowledge.

Key-words: Interpretation, Verbal behavior, Behavior therapy, Self-knowledge.

¹ Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará.
E-mail: joenesantos@yahoo.com.br
² Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília e Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará.
E-mail: silviacnaan@uol.com.br

Na linguagem cotidiana, o termo “interpretação” já tem seu sentido definido e bem estabelecido em nosso dia-a-dia. Koogan e Houaiss (1999) definem a palavra interpretação como “Ação de interpretar, explicação (...) Tradução, comentário crítico (...) Ação de tornar sensível a um ouvinte o conteúdo de uma partitura (...) Modo como uma obra dramática, musical, coreográfica é representada ou dançada” (p. 878). Já a palavra “interpretar” é definida por estes autores como “Explicar o que é obscuro (...) Dar a uma coisa esta ou aquela significação (...) Ajuizar bem ou mal da intenção de (...) Desempenhar um papel numa peça, executar um trecho musical” (p. 878). Uma breve análise dessas definições confirma as idéias de Canaan (2002) sobre os sentidos que os termos “interpretação” e “interpretar” podem assumir na linguagem cotidiana, relacionando-os às noções de explicação, tradução, compreensão, avaliação, inferência e representação artística. Entretanto, como tais termos são empregados na linguagem técnica da Análise do Comportamento?

Abib (2003), em seu texto *Behaviorismo Radical e Interpretação*, afirma que “a ciência do comportamento é fundada por um ato de interpretação nos três sentidos historicamente constituídos desse termo: o dizer, explicar o que se diz, e traduzir” (p. 61). Para esse autor, o primeiro e o segundo sentido no qual o termo interpretação tem sido utilizado estão relacionados; descrever algo, enunciar um fato é interpretação, assim como buscar explicar o significado do que foi dito também o é. Na Análise do Comportamento, esses dois sentidos são observados na descrição de relações funcionais – dizer – e na busca das condições pelas quais tais relações ocorrem – explicar. Além disso, interpretar também possui o sentido histórico constituído de traduzir, ou seja, mediar. Abib (2003) ainda sugere que o Behaviorismo Radical, enquanto sistema filosófico no qual se baseia a ciência do comportamento, assume esse terceiro sentido, visto que busca traduzir a linguagem mentalista em linguagem do comportamento.

(...) Ciência não se resume apenas à descrição de relações funcionais entre variáveis que podem ser manipuladas, medidas, previstas e controladas. Ciência transgride tais limites. Com a transgressão da interpretação, Skinner alarga o conceito de ciência do comportamento. (Abib, 2003, p. 60)

Canaan (2002), examinando como alguns analistas do comportamento utilizavam o termo “interpretação”, verificou que na literatura da Análise do Comportamento o mesmo pode assumir os seguintes sentidos: (a) descrição de possíveis contingências que determinam o comportamento, (b) análise funcional ou análise de contingências (com ênfase sobre a função do comportamento), (c) tradução, (d) explicação e (e) hipótese.

Embora haja semelhanças entre o uso da palavra “interpretação” na linguagem cotidiana e a utilização da mesma na linguagem técnica da Análise do Comportamento, nesta última o termo está associado à adoção de um referencial teórico-conceitual que o contextualiza. No presente trabalho, o termo “interpretação” será empregado tendo como base o escopo teórico da Análise do Comportamento e, portanto, assumirá o sentido de explicação, enfatizando as relações de controle entre ambiente e comportamento.

A noção de interpretação parece ser especialmente útil para a Terapia Comportamental, uma vez que esta lida primordialmente com o comportamento humano complexo, o qual, por ser multideterminado, costuma envolver variáveis difíceis de serem precisamente identificadas. Assim, a Terapia Comportamental busca identificar e descrever as relações de controle entre ambiente e comportamento que estabelecem e mantêm o repertório comportamental do cliente e sobre as quais ele não está consciente. Entretanto, diante da dificuldade de se identificar com precisão as variáveis de controle do comportamento humano complexo e considerando-se que o objetivo último da Terapia Comportamental é o autoconhecimento ou consciência por parte do cliente, pode-se afir-

mar que quando o cliente, durante o processo terapêutico, hipotetiza sobre as contingências que possivelmente controlam seus comportamentos ele está emitindo comportamentos verbais de interpretação.

Nesta linha de raciocínio, alguns analistas do comportamento corroboram a idéia de que a interpretação participa no processo de conscientização do cliente (Delitti, 1997; Fester, 1979; Guilhardi & Queiroz, 1997; Queiroz & Guilhardi, 2001; Skinner 1959, 1991) considerando que a interpretação fornecida pelo terapeuta ao cliente pode funcionar como um modelo funcional para explicar alguns de seus comportamentos, especialmente aqueles que lhe trazem problemas. A noção de interpretação também é relacionada, por alguns autores, à instrumentalização do cliente para agir de maneira efetiva em seu ambiente natural (Fester, 1979; Goldiamond & Dyrud, 1968; Skinner, 1978), já que as interpretações fornecidas pelo terapeuta podem constituir um estímulo discriminativo para o cliente formular uma regra que possa ajudá-lo a melhorar o funcionamento de sua vida diária; além de favorecer a emissão de comportamentos mais efetivos por parte do cliente, ampliando o contato com as variáveis de controle, aumentando a densidade de reforçamento positivo e diminuindo as fontes de controle aversivo.

Ora, se a interpretação contribui tanto para o processo de conscientização do cliente quanto para modificação de seu comportamento, tornando-o mais efetivo no ambiente, então ela deve ser considerada como um aspecto central da terapia comportamental. Neste sentido, pode-se afirmar que a interpretação constitui o cerne do trabalho do psicólogo que atua como terapeuta e um dos comportamentos esperados do cliente no contexto da terapia comportamental.

Apesar da interpretação ser o cerne da Terapia Comportamental, poucos estudos têm sido conduzidos sobre este tema (Bennett, 1987; Oliveira, 2001; Canaan, 2002; Zamignani & Andery, 2005). O primeiro estudo sobre interpretação, no contexto da

Análise Aplicada do Comportamento, foi o realizado por Bennett (1987), o qual buscou investigar se psicólogos clínicos envolvidos em atividades aplicadas de modificação de comportamento faziam tentativas de analisar as contingências que controlavam os comportamentos problemáticos ou se tentavam modificá-los sem levar em consideração como os mesmos tinham sido estabelecidos e que variáveis poderiam estar mantendo-os. Um outro estudo que buscou compreender o papel da interpretação no contexto da Análise Aplicada do Comportamento foi o conduzido por Oliveira (2001), o qual estava interessado em verificar a influência das contingências teóricas do behaviorismo radical sobre as explicações e descrições fornecidas por um terapeuta comportamental. Ambos os estudos tinham como foco de análise as interpretações feitas por terapeutas e foram descritos de forma detalhada no estudo de Canaan (2002).

O estudo conduzido por Canaan (2002) teve como objetivo examinar o comportamento verbal interpretativo de uma terapeuta comportamental em treinamento na situação clínica. Neste estudo, foram filmadas, transcritas e analisadas 14 sessões de atendimento de uma cliente adulta realizadas em uma clínica-escola. A análise dos proferimentos da terapeuta em busca de interpretações resultou na identificação das seguintes categorias relacionadas à sua atuação clínica: Informação, Investigação, Interpretação, Aconselhamento e Conseqüenciação.

Os resultados demonstraram que a categoria prevalente foi a de Investigação e que interpretações ocorreram em 22% dos proferimentos analisados. A autora observou ainda que os proferimentos interpretativos ocorreram em conjunto com outras funções de atuação da terapeuta, o que levou à identificação de cinco categorias interpretativas: informativa, investigativa, explicativa, aconselhadora e conseqüenciadora. Verificou-se que a terapeuta predominantemente interpretou com a função de fazer investigações (31,40%), porém, grande parte dos seus proferimentos também incluíram interpretações

explicativas (24,41%). Pôde-se observar que os maiores percentuais de interpretações investigativas e explicativas foram obtidos nas sessões de avaliação e de devolução, respectivamente; entretanto, na fase de intervenção, a categoria de interpretação explicativa também obteve o maior percentual. A análise dos proferimentos interpretativos quanto às suas características principais revelou a ocorrência de interpretações analítico-comportamentais e interpretações não analítico-comportamentais e de expressões de linguagem indicativas da natureza hipotética da interpretação. A análise mais detalhada das interpretações resultou na identificação de pistas e na suposição de contextos e conclusões enquanto variáveis que possivelmente controlaram o comportamento verbal interpretativo da terapeuta. Estes aspectos são discutidos pela autora da pesquisa como parte do esquema seguido por um terapeuta engajado em um processo interpretativo.

Um quarto estudo realizado envolvendo a temática da interpretação foi o conduzido por Zamignani e Andery (2005). Estes autores estavam preocupados em pesquisar se os problemas apontados na classificação diagnóstica e na literatura clínica de casos de Transtorno Obsessivo-Compulsivo - TOC - poderiam levar a uma inconsistência na prática do terapeuta (durante o atendimento realizado pelo mesmo) com relação aos pressupostos teóricos por ele adotados. Para tanto, caracterizaram a prática verbal (vocal) de dois terapeutas que se auto-intitulavam analistas do comportamento ao atenderem dois clientes com o diagnóstico de TOC. Após categorizarem as verbalizações de cada participante de acordo com categorias previamente elaboradas e mutuamente exclusivas de registro do comportamento vocal, parte da análise e discussão dos dados concentraram-se nas verbalizações do terapeuta classificadas como "Explicação" e "Conselhos".

Como se pode observar, os estudos de Bennett (1987), Oliveira (2001), Canaan (2002) e Zamignani e Andery (2005), citados acima, constituem investigações sobre o com-

portamento verbal interpretativo de psicólogos aplicados (modificadores de comportamento e terapeutas comportamentais); sendo que desses, apenas um tinha como objeto de estudo a interpretação em si. Além disso, não se encontrou referências a estudos sobre o comportamento interpretativo específico de clientes no contexto aplicado da terapia comportamental. Portanto, constata-se uma carência de estudos sobre o tema da interpretação na Análise Comportamental Aplicada. Canaan (2002) considera que tal carência pode ser analisada de duas formas: ou a interpretação não tem sido estudada cientificamente por analistas do comportamento ou, por alguma razão, o tema tem sido evitado por pesquisadores desta área. Ainda sobre hipótese de evitação do tema, a autora sugere que

(...) a interpretação, embora constitua um aspecto central na Análise do Comportamento Aplicada, gera um certo desconforto entre behavioristas. Tal desconforto é explicado pelo fato de que os behavioristas, em geral, não abrem mão dos rígidos critérios científicos de manipulação e controle de variáveis, o que os desencoraja a fazer uso da interpretação em suas práticas científicas e, conseqüentemente, os leva a evitar pesquisar este tema. (p. 34)

Apesar dos obstáculos relacionados ao estudo da interpretação no campo da Análise do Comportamento, o tema parece ser de extrema importância principalmente considerando-se que a Terapia Comportamental, enquanto Análise Comportamental Aplicada, tem como um dos seus principais pilares de sustentação atualmente o conhecimento produzido sobre o comportamento verbal. Nessa linha de raciocínio, as autoras do presente trabalho consideram que quando os clientes, durante o processo terapêutico, hipotetizam sobre as contingências que possivelmente controlam seus comportamentos eles estão emitindo comportamentos verbais de interpretação. Supõe-se ainda que compreender e descrever a emissão de comportamentos verbais interpretativos de clientes em situação de terapia pode contribuir para o avanço das

pesquisas no contexto clínico, além de permitir ao terapeuta planejar e conduzir sessões de modo mais seguro, eficiente e consistente com os objetivos da Terapia Comportamental. Assim, acredita-se que a relevância deste tema e a carência de estudos sistemáticos sobre o mesmo no contexto aplicado da Terapia Comportamental justificam este trabalho.

O presente estudo constituiu uma pesquisa sobre o comportamento verbal interpretativo por meio da análise empírica das interpretações realizadas por uma cliente proferidas durante seu atendimento clínico, o qual foi conduzido por uma terapeuta comportamental em treinamento (terapeuta-estagiária) sob a supervisão de uma terapeuta comportamental experiente na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). O interesse das pesquisadoras foi verificar se, durante sessões de psicoterapia comportamental, comportamentos verbais de interpretação seriam emitidos pela cliente, ou seja, se ela levantaria hipóteses acerca das contingências que poderiam estar controlando seus comportamentos e/ou de terceiros.

Desta forma, o principal objetivo deste estudo foi descrever e analisar as emissões verbais interpretativas de uma cliente no contexto clínico-comportamental de acordo com as definições de comportamento interpretativo elaboradas por Canaan (2002). Tal objetivo foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos: (a) identificar a ocorrência de comportamento interpretativo no repertório verbal da cliente em sessões terapêuticas; (b) categorizar as interpretações da cliente em classes de comportamento verbal interpretativo considerando-se as regularidades observadas nos dados e as categorias elaboradas por Canaan; e (c) identificar o papel do terapeuta e de outras contingências que possivelmente participam do controle do comportamento verbal interpretativo da cliente.

Método

O presente estudo utilizou como da-

dos empíricos transcrições de sessões de terapia comportamental de um caso clínico envolvendo o atendimento de uma cliente adulta por uma terapeuta em treinamento sob a supervisão de uma terapeuta experiente. Tais dados foram os mesmos usados na pesquisa conduzida por Canaan (2002), sendo que a diferença metodológica do presente estudo em relação ao anterior consistiu no foco de análise que, no presente trabalho, se concentrou nas emissões verbais de interpretação da cliente.

Participante

A participante deste estudo, por ocasião do atendimento, tinha 36 anos, possuía ensino superior incompleto (aluna de um curso na área das ciências exatas na UFPA há 15 anos), era casada e não trabalhava fora de casa. Ela inscreveu-se na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e nunca havia anteriormente se submetido a uma experiência de psicoterapia. Foi encaminhada à Clínica de Psicologia da UFPA pelo coordenador de seu curso devido ao fato de ela ter trancado a matrícula e interrompido seu curso diversas vezes. A cliente iniciou o atendimento psicoterápico com as seguintes queixas: dificuldades no relacionamento conjugal (mudança do marido após o casamento, sua agressividade e egoísmo), dificuldades no relacionamento familiar (dependência familiar, preocupação excessiva com seus irmãos, com sua família), dificuldades na área acadêmica (não consegue concluir seu curso, apresenta dificuldades de memorização e falta de concentração), dificuldades de interação social (necessidade de ajudar ou ser útil aos outros e de amar incondicionalmente a todos).

Ambiente de realização dos atendimentos

A cliente foi atendida por uma terapeuta comportamental em treinamento do sexo feminino de 35 anos, casada, dois filhos, sem experiência de atendimento clínico anterior e concluinte do curso de Psicologia da UFPA. Os atendimentos ocorreram em um dos Consultórios da antiga Clínica de Psicolo-

gia da UFPA com área aproximada de 12m², refrigerado e mobiliado com uma mesa de escritório com duas gavetas, cadeira e duas poltronas: uma para a terapeuta e a outra para a cliente. As poltronas estavam posicionadas perpendicularmente uma em relação à outra, em frente à mesa.

Instrumentos e materiais

Os instrumentos utilizados nesse trabalho foram: a) programa do Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica - Abordagem Comportamental; b) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participante; c) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a cliente; d) Termo de Compromisso para transcrição das sessões terapêuticas pela participante; e) Prontuário da cliente incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Cliente, o Roteiro de Entrevista Psicológica, transcrições das sessões terapêuticas contendo relatos de terapeuta e cliente ocorridos em cada sessão, análises funcionais de cada sessão, o Laudo Psicológico e o Planejamento Terapêutico para o caso clínico; f) Relatório do Estágio elaborado pela participante.

Para a realização das gravações, foram utilizados os seguintes materiais: câmera filmadora (Marca Minolta, Série Máster, Modelo C-518), gravador, tripé e fitas de *áudio e vídeo-tape* (VHS). A câmera filmadora foi posicionada no fundo da sala, a cerca de 2m de distância das poltronas, com foco ajustado de modo a enquadrar terapeuta e cliente, da cintura para cima, quando sentados.

Para a realização das transcrições, foram utilizados os seguintes materiais: televisão, vídeo-cassete, computador para digitar transcrições, disquete, papel e lápis.

Procedimento de coleta de dados

Antes que as sessões terapêuticas fossem gravadas, tanto terapeuta-estagiária como cliente assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual autorizavam a gravação das sessões terapêuticas e utilização das mesmas como dados para

pesquisas.

O atendimento da cliente ocorreu sob controle das contingências acadêmicas estabelecidas pela supervisora para o desempenho da terapeuta-estagiária no atendimento de seu caso clínico. Nenhuma manipulação de variáveis independentes foi realizada na coleta de dados. Assim, o enfoque metodológico do presente estudo foi a análise dos dados e não a manipulação e controle de variáveis. A cliente foi atendida por seis (6) meses durante os quais foram realizadas 15 sessões semanais de, em média, 55 minutos de duração cada. Quatorze das 15 sessões realizadas foram gravadas em áudio ou vídeo. Durante o atendimento da cliente, a terapeuta-estagiária foi supervisionada por uma profissional que possuía titulação e experiência suficientes para supervisionar casos clínicos.

O comportamento interpretativo da cliente foi analisado a partir de transcrições do relato verbal de terapeuta e cliente ocorrido em sessões terapêuticas, em que as falas da terapeuta e da cliente foram identificadas, respectivamente, com siglas T e C, e numeradas na seqüência em que ocorreram, sendo a numeração das falas de um sujeito intercalada pela numeração correspondente das falas do outro (por exemplo, T1 - fala 1 do terapeuta - C1 - fala 1 do cliente - T2-C2-T3-C3). Nas transcrições, a interação verbal entre terapeuta e cliente durante cada sessão foi dividida em falas, em que a fala de um indivíduo se encerrava quando iniciava a fala do outro. Em seguida, as falas foram agrupadas em proferimentos. Foi considerado como um proferimento uma verbalização da cliente sobre um mesmo tema, a qual pode ocorrer ou não entre interrupções da terapeuta.

Procedimento de análise de dados

O procedimento de análise de dados foi realizado em três etapas. A primeira etapa foi a identificação do material verbal que, para as pesquisadoras, pareciam ser exemplos de interpretação por parte da cliente. Para os objetivos deste estudo, estes exemplos foram chamados de proferimentos interpretativos.

Um proferimento interpretativo era uma verbalização da cliente sobre um mesmo tema, a qual podia ocorrer ou não entre interrupções da terapeuta, em que a mesma descrevia as variáveis das quais seu comportamento e/ou comportamento de terceiros era função. Proferimentos interpretativos constituíram os estímulos que controlaram os julgamentos das pesquisadoras e suas discriminações quanto à ocorrência de interpretação analítico-comportamental por parte da cliente durante as sessões terapêuticas. Portanto, no presente estudo, uma classe de estímulos fornecidos pelos dados ocasionou uma classe correspondente de respostas pelas pesquisadoras que foi caracterizada como "identificação de comportamento verbal interpretativo". Quando as pesquisadoras responderam ao material verbal como uma interpretação de comportamento, uma marcação foi feita na transcrição. O material foi lido várias vezes, com leituras subseqüentes confirmando ou não as identificações que tinham ocasionado marcações. Além disso, o comportamento verbal da terapeuta-estagiária também foi utilizado como estímulo discriminativo na identificação de episódios de comportamento verbal interpretativo nas falas da cliente. Quando, após várias leituras, nenhuma nova discriminação relativa à identificação ocorreu, as pesquisadoras encerraram esta etapa da análise.

A etapa seguinte correspondeu à categorização das interpretações da cliente em classes de proferimentos interpretativos de acordo com as definições das categorias elaboradas por Canaan (2002) e as regularidades observadas nos dados. Tal categorização envolveu o agrupamento de respostas baseado nas definições de cada uma das categorias estabelecidas por Canaan (2002) e nas similaridades percebidas entre as respostas e tais definições.

Por fim, a terceira e última etapa do procedimento de análise dos dados consistiu na identificação das possíveis contingências que participaram do controle do comportamento verbal interpretativo da cliente. Esta etapa envolveu a determinação das condições

estimuladoras sob as quais as interpretações são realizadas e dos controles de cada resposta verbal interpretativa por sua condição correspondente.

Resultados

Foram registradas 1.847 falas da cliente, distribuídas ao longo de 14 sessões (sessões 1 a 15, com exceção da sessão 13). A organização das falas com base em seu conteúdo temático e momento de ocorrência resultou num total de 852 proferimentos (média de 60,86 proferimentos por sessão).

Foram considerados como *Interpretação* os proferimentos nos quais a cliente destacou seus comportamentos e/ou de terceiros e eventos relevantes e/ou fez comentários sobre os mesmos explicitando possíveis relações entre eventos. A categorização dos proferimentos quanto à ocorrência de interpretação indicou que, de um total de 852 proferimentos analisados, 638 incluíam interpretações e 214 não incluíam interpretações. Desta forma, pode-se constatar que a interpretação foi uma categoria de proferimentos verbais da cliente que ocorreu nos dados e que o percentual de proferimentos interpretativos da cliente foi notadamente maior (74,88%) do que a soma dos percentuais das demais categorias (25,12%), as quais não incluíam interpretação (Informação, Investigação e Consequenciamento). Considerando o tema do presente trabalho, uma análise específica dos 638 proferimentos da cliente pertencentes à categoria de interpretação foi conduzida, a qual permitiu a categorização dos mesmos levando-se em consideração a função, o foco da interpretação e o seu conteúdo (conforme descrito na Tabela 1).

Quando a função da interpretação é considerada, pôde-se observar a ocorrência de apenas três categorias de interpretação: *Interpretação Informativa*, *Interpretação Explicativa* e *Interpretação Investigativa*. As categorias *Interpretação Aconselhadora* e *Interpretação Consequenciadora*, identificadas no estudo conduzido por Canaan (2002), não foram encontradas

Tabela 1. Análise dos proferimentos interpretativos emitidos pela cliente.

Aspectos	Classificação	Descrição	
A função da interpretação	Interpretação Informativa	Ocorre conjuntamente com informações por meio da qual a cliente esclarece, indica ou comenta algo com sua terapeuta, explicitando seu conhecimento, juízo ou opinião sobre um determinado assunto.	
	Interpretação Investigativa	Ocorre nos momentos em que a cliente busca informações sobre eventos e relações entre eventos possivelmente associados aos seus próprios problemas.	
	Interpretação Explicativa.	A cliente descreve seus próprios comportamentos e/ou de terceiros e eventos relevantes e/ou faz comentários sobre os mesmos estabelecendo possíveis relações entre eles. Estes proferimentos interpretativos têm como única função a explicação do comportamento da própria cliente ou de terceiros, podendo ser acompanhado ou não da solicitação de confirmação da terapeuta sobre o assunto em questão por meio de perguntas cujas respostas são do tipo “sim” ou “não”.	
O foco da interpretação	Comportamento da cliente	A cliente destaca seus comportamentos e eventos relevantes e/ou faz comentários sobre os mesmos explicitando possíveis relações entre eventos, buscando desta forma compreender a função de seu próprio comportamento.	
	Comportamento de terceiros	A cliente destaca comportamentos de terceiros e eventos relevantes e/ou faz comentários sobre os mesmos explicitando possíveis relações entre eventos.	
	Comportamento da cliente e de terceiros	É a combinação das duas categorias anteriores, na qual a cliente destaca seus comportamentos e o de terceiros e eventos relevantes e/ou faz comentários sobre os mesmos explicitando possíveis relações entre eventos.	
O conteúdo das falas da cliente	Interpretações de caráter descritivo	Descreve eventos ambientais e/ou comportamentais, porém não estabelece nenhum tipo de relação.	
	Interpretações de caráter relacional	Interpretações analítico-comportamentais	Proferimentos interpretativos nos quais as causas do comportamento foram atribuídas a eventos ambientais, ou seja, a interpretação especificava as contingências de reforço atuais ou históricas.
		Estabelece relações entre eventos, quer sejam ambientais ou comportamentais.	Interpretações não analítico-comportamentais

no repertório verbal interpretativo da cliente, visto que parecem fazer parte predominantemente do repertório verbal interpretativo do terapeuta.

Os dados demonstram a predominância da categoria *Interpretação Explicativa* sobre o total de episódios interpretativos da cliente, ocorrendo em 78,00% dos mesmos. As outras duas categorias, *Interpretação Informativa* e *In-*

terpretação Investigativa, ocorreram com menor percentual, 19,60% e 2,40%, respectivamente. Uma observação mais minuciosa dos dados permite verificar que desde a primeira sessão a cliente apresentou um percentual elevado de interpretações explicativas. A ocorrência de cada uma das categorias interpretativas ao longo das sessões pode ser visualizada na Figura 1.

Análise exploratória do comportamento verbal interpretativo de uma cliente adulta no contexto clínico

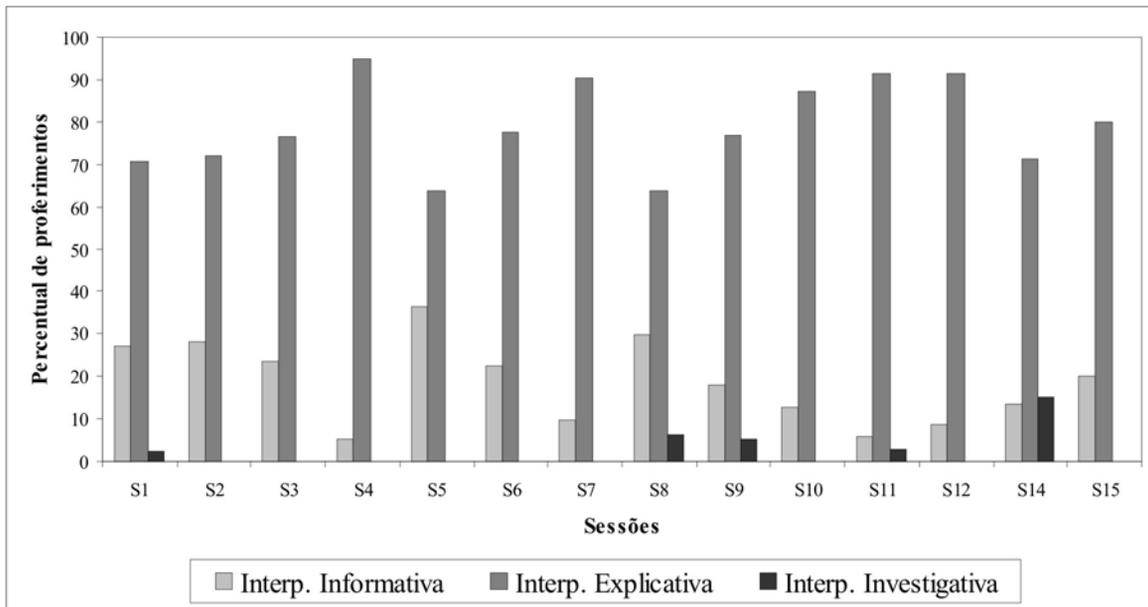


Figura 1. Distribuição do percentual de proferimentos interpretativos relativos à categorização quanto à função da interpretação do cliente ao longo das sessões.

Constata-se a presença de um elevado percentual de *Interpretações Explicativas* em todas as sessões, sendo que nas sessões onde houve menor incidência desta categoria a mesma ocorreu em 63,80% dos episódios interpretativos – sessões 5 e 8 – e na sessão 4, em que houve a maior incidência, essa categoria ocorreu em 94,70% dos mesmos. As *Interpretações Informativas* também se fazem presentes em todas as sessões, no entanto, seu percentual foi relativamente baixo se comparada à categoria anterior; a sessão 5 foi a que apresentou maior expressão desta categoria, representando 36,20% dos proferimentos interpretativos da mesma. Já as *Interpretações Investigativas* foram emitidas em apenas cinco das quatorze sessões analisadas (28,60% das sessões), tendo sua maior prevalência ocorrido na 14ª sessão (15,40%).

Com base na inspeção visual da Figura 1, também é possível observar que as *Interpretações Explicativas* parecem ocorrer em ciclos. Os dados mostram a ocorrência de três ciclos completos e um incompleto, sendo cada ciclo constituído por três a cinco sessões. Há uma menor incidência de interpretações explicativas no início de cada ciclo, cujo percentual vai aumentando à medida que o ciclo evolui.

Além disso, observa-se a ocorrência de interpretações investigativas no início de três dos quatro ciclos, conforme pode ser percebido nas sessões 1, 8 e 14.

Constata-se ainda que a categoria de *Interpretação Investigativa* representou apenas 2,35% do total de proferimentos interpretativos, estando presente apenas em cinco das quatorze sessões (35,72% do total de sessões). Além disso, observa-se que a maior parte das *Interpretações Investigativas* foram realizadas a partir da 8ª sessão, momento no qual se iniciava a fase de devolução do presente processo terapêutico.

Uma outra análise dos episódios interpretativos foi realizada tendo como base o foco da interpretação, ou seja, se a cliente realizava interpretações sobre o seu próprio comportamento e/ou do comportamento de terceiros. Esta análise conduziu à elaboração de três novas categorias de acordo com o foco da interpretação, a saber: *Foco sobre o comportamento da cliente*, *Foco sobre o comportamento de terceiros* e *Foco sobre o comportamento da cliente e de terceiros* (Tabela 1).

Pode-se constatar que em 57,84% do total de episódios interpretativos a cliente se referiu unicamente ao seu comportamento –

foco da interpretação sobre o comportamento da própria cliente. A categoria *Foco sobre o comportamento da cliente e o de terceiros* demonstra que uma parte dos episódios interpretativos (15,36%) envolveu tanto a descrição e/ou estabelecimento de relações do comportamento da cliente como de outrem. Todavia, a soma dos percentuais de proferimentos pertencentes às categorias *Foco sobre o comportamento da cliente* (57,84%) e *Foco sobre comportamento da cliente e terceiros* (15,36%) produz um total de 73,20% de episódios interpretativos que focalizam o comportamento da própria cliente.

Objetivando caracterizar mais detalhadamente a interpretação da cliente na situação clínica, realizou-se uma terceira análise dos proferimentos interpretativos tomando como base o conteúdo dos mesmos. Esta nova análise permitiu verificar que as interpretações podem ser de caráter descritivo ou relaciona (Tabela 1). O Quadro 1 apresenta alguns exemplos ilustrativos dessas categorias.

As interpretações relacionais podem ainda ser divididas em interpretações analítico-comportamentais e não analítico-comportamentais, conforme apresentado na Tabela 1.

A diferença principal entre essas duas subcategorias residiu no papel atribuído aos eventos privados. Nos proferimentos interpretativos analítico-comportamentais, pensamentos e sentimentos foram atribuídos a contingências ambientais. Já nas interpretações não analítico-comportamentais, a cliente atribuiu um *status* de causalidade a eventos privados, sugerindo que os mesmos participavam da determinação de eventos comportamentais públicos e privados. O Quadro 2 demonstra alguns exemplos ilustrativos dessas categorias.

Pode-se observar ainda que, conforme o processo terapêutico vai avançando, as interpretações relacionais analítico-comportamentais fornecidas pela cliente vão se tornando mais precisas (referem-se cada vez mais as variáveis ambientais para explicar o comportamento) e mais complexas (envolvendo um número cada vez maior de variáveis assim como se deslocando do nível das microanálises para o das macro-análises). Este dado provavelmente está relacionado aos processos de modelação e modelagem do comportamento da cliente que ocorrem ao longo do processo

Quadro 1. Exemplos de interpretação descritiva e interpretação relacional.

Interpretação Descritiva	Interpretação Relacional
C96: (...) eu não almoço. T97: Não? Mas você deixa o almoço das pessoas da sua casa pronto? C97: Deixo, lá em casa eles não podem reclamar, tá tudo pronto. T98: Você se preocupa muito em não deixar brecha para reclamações nenhuma? C98: Não tem por quê, se um dia acontecer, Deus me livre, de uma separação, ninguém pode se queixar disso, deixo tudo pronto. (Sessão 1)	C17: (...) Eu achava o pessoal meio metido no Colégio X. T18: Você achava, por que M? C18: Achava eles meio pedante, acho que é porque eles pensavam só em roupas, tinha que olhar de cima a baixo como é que a pessoa ia, o pessoal não se preocupava assim com a pessoa, com o que a pessoa tem por dentro, parece que só se preocupavam se foi aonde, passeou aonde, aí eu ficava olhando assim, achava aquilo tão vazio, não tinha nada a ver comigo. Eles nem falavam no estudo, não sei nem como o pessoal passava. (Sessão 4)
T3: E aí M, como foi o teu final de semana? C3: Meu final de semana foi ótimo. T4: Ótimo como? C4: Não teve brigas, tudo em paz na minha casa, passei o tempo todo estudando. T5: Tem que estudar. C5: Tenho que estudar muito, pessoal saiu... T6: Pessoal quem? Teu marido? C6: É, meu marido, foi trabalhar, minha sogra, meu pai também foi trabalhar. T7: Ficou sozinha em casa todos os dias? C7: Não, eles vinham a noite, mas aí passava o dia sozinha, aí eu estudei. (Sessão 5)	C72: (...) a pressão é grande pra eu ter (filhos): é minha sogra, é cunhada, é irmão, é cunhada por parte... casada com meus irmãos; é uma série de pessoas, na verdade. E eu percebo que essas pessoas querem que eu tenha filhos, na verdade não é por mim querer, não é que desejam isso de bom, mas sabe porque eles querem que eu tenha filhos? É porque eles tiveram os deles e até hoje, às vezes, tem uns que sofrem por seus filhos, né? T73: (balança a cabeça afirmativamente). C73: E querem que eu passe pelo mesmo que eles passaram, entendeu? (Sessão 15)

Análise exploratória do comportamento verbal interpretativo de uma cliente adulta no contexto clínico

Quadro 2. Exemplos de interpretação relacional analítico-comportamental e de interpretação relacional não analítico-comportamental.

Interpretação relacional analítico-comportamental	Interpretação relacional não analítico-comportamental
<p>C40: Eu só sei que as vezes, não sei, tenho muito medo das pessoas, sabe? Tenho muito medo das pessoas, o que elas podem me fazer, como elas podem me atingir. Não é atingir fisicamente não, não tenho medo da pessoa me atingir, de me bater, não. T40: Continue.</p> <p>C41: De a pessoa me atingir e me abalar por dentro.</p> <p>T41: Moralmente? Não?</p> <p>C42: Não, me machucar, me magoar. Por aí, eu tenho uma sensibilidade que acho que não é normal, não é normal. Tudo eu sinto, tudo. Uma palavra pode ser ótima pra mim, ao mesmo tempo pode me magoar demais, me ferir demais. Aí eu tenho medo disso, tenho medo das pessoas atingirem essa sensibilidade. Eu tenho medo de me expor, de me expor e ser machucada. (Sessão 7)</p>	<p>T17: Por que você estava chateada com ele?</p> <p>C18: Mas acontece que eu não sou de guardar rancor não.</p> <p>T18: E na hora que ele te abraça, quando te beija, como você se sente?</p> <p>C19: Na hora assim, eu queria que ele achasse pelo menos uma vez que ele errou, reconhecesse, pelo menos uma vez que ele reconhecesse, "olha amor eu errei, desculpa". Não sei, às vezes eu fico feliz de estar fazendo as pazes, mas acho que não se tornou importante isso, entende como é?</p> <p>T19: Não, não entendi, me explica melhor.</p> <p>C20: É, é legal fazer as pazes porque eu detesto brigas, mas também se ele não fizesse não estava importando. (Sessão 2)</p>
<p>T76: (...) Já aconteceu algum problema na tua infância com rato, catita, alguma coisa?</p> <p>C76: Eu não sei, S; só sei que tenho pavor.</p> <p>T77: O que você sente na hora que vê o rato assim?</p> <p>C77: O pior é que fico em estado de choque.</p> <p>T78: Você não faz nada?</p> <p>C78: Não. Quando vejo rato assim... eu quase desmaio, eu tenho pavor. Um dia quando o quarto tava escuro, tinha um rato morto. Aí ele calmamente me disse: "Tem um rato morto aqui". Aí meu Deus... eu fiquei dura lá. Aí foi, teve que ir meu irmão lá me buscar pra fazer isso passar; se não, não passava mesmo. Eu tenho mesmo pavor. (Sessão 12)</p>	<p>C118: S eu acho que no fundo, no fundo, eu me sinto até culpada. Na época eu acho que eu gostei, sabe?</p> <p>T118: Humhum.</p> <p>C119: Dos toques, é. (Sessão 11)</p>

terapêutico. Assim sendo, na medida em que a terapeuta fornece análises funcionais sobre o comportamento da cliente, serve de modelo para futuras interpretações que a cliente venha realizar. Ao mesmo tempo, a terapeuta vai modelando o comportamento da cliente de fazer interpretações analítico-comportamentais, reforçando as interpretações que descrevem e/ou estabelecem relações entre eventos e extinguindo aquelas que atribuem o comportamento a eventos privados. Estes dois processos contribuem para que a cliente amplie sua capacidade discriminativa.

Uma análise das possíveis variáveis que participam do controle do comportamento verbal interpretativo da cliente em situação clínica de terapia comportamental revelou a existência de pelo menos duas condições estimuladoras sob as quais as interpretações são

realizadas. Episódios interpretativos ocorreram "espontaneamente", ou seja, sem que a terapeuta fornecesse estímulos verbais discriminativos imediatos naquela sessão, estando tais interpretações, provavelmente, sob controle do próprio comportamento verbal da cliente, que ocorre na sessão, e de variáveis históricas possivelmente relacionadas a contingências da vida da cliente e/ou de estímulos fornecidos pela terapeuta em sessões anteriores. A cliente também forneceu interpretações sob controle do comportamento verbal da terapeuta em quatro situações distintas: (1) quando a terapeuta buscou investigar as variáveis envolvidas no comportamento da cliente, utilizando-se unicamente de comportamento verbal investigativo; (2) quando a terapeuta emitiu interpretações com a função de fornecer explicações para a cliente; (3)

sob controle de interpretações investigativas realizadas pela terapeuta; e (4) quando a terapeuta combinou a utilização das categorias de atuação Informação e Aconselhamento (Canaan, 2002).

Convém também ressaltar que a cliente que participou do presente estudo liberava informações sobre contingências históricas e atuais freqüentemente e, ao fazê-lo, emitia comportamento verbal interpretativo, sem precisar necessariamente ter sido estimulada pela terapeuta por meio de perguntas (investigações), interpretações e/ou conselhos. Tais intervenções da terapeuta, neste caso, ocorreram, porém, com um percentual menor do que era esperado.

Discussão

O principal objetivo deste estudo foi descrever e analisar as emissões verbais interpretativas de uma cliente no contexto clínico-comportamental com base na pesquisa anteriormente conduzida por Canaan (2002). Os resultados mostraram a ocorrência de episódios interpretativos nas transcrições do repertório verbal da cliente bem como de outras respostas categorizadas como informação, investigação e conseqüenciação. A análise da variação na distribuição do percentual de proferimentos verbais da cliente revelou que a mesma interpretou ao longo de todo o processo terapêutico e que suas interpretações ocorreram em ciclos de modo semelhante às interpretações da terapeuta do estudo anterior.

Proferimentos interpretativos foram emitidos em um maior percentual em relação às demais categorias de comportamento verbal da cliente. Este resultado indica que o *setting* terapêutico é um espaço privilegiado para a cliente fazer descrições de eventos (comportamentais e ambientais) e/ou estabelecer relações entre eles, contribuindo para a sua aquisição de consciência.

A prevalência da interpretação no repertório verbal da cliente também constituiu um resultado já esperado considerando-se os

objetivos da terapia comportamental. De fato, a literatura sugere que os principais objetivos da Terapia Comportamental são a aquisição de consciência e a modificação do comportamento do cliente (Kerbaudy, 1999). Alguns analistas do comportamento (Delitti, 1997; Ferster, 1979; Guilhardi & Queiroz, 1997; Queiroz & Guilhardi, 2001; Skinner 1959, 1991) enfatizam especificamente a aquisição de consciência pelo cliente como um objetivo relevante da terapia comportamental. Portanto, infere-se que a conscientização por parte da cliente deste estudo tenha se expressado na situação clínica por meio de suas interpretações.

A prevalência da interpretação no repertório verbal da cliente pode ainda ser explicada considerando-se o comportamento verbal da sua terapeuta descrito no estudo conduzido por Canaan (2002) e o fato de que a aquisição de consciência por parte do cliente costuma ser precedida pela aquisição de consciência por parte do terapeuta acerca dos problemas do cliente e seus determinantes (Guilhardi & Queiroz, 1997). Então, estima-se que, no presente trabalho, os proferimentos investigativos da terapeuta constituíram contingências fundamentais para a aquisição de consciência pela cliente e que a mesma proferiu interpretações quando precisou responder às investigações da terapeuta. Assim, pode-se inferir que o elevado percentual de interpretações da cliente foi uma conseqüência das investigações da terapeuta. Entretanto, como não foram encontrados na literatura estudos empíricos acerca da distribuição de proferimentos verbais de clientes em situação de terapia comportamental, este resultado fica como hipótese para melhor avaliação em estudos posteriores.

Considerando-se ainda a lógica de que a interpretação se segue à investigação e que costuma ocorrer após a realização das sessões iniciais, um resultado inesperado foi a ocorrência de percentuais elevados de proferimentos pertencentes à categoria de interpretação desde a primeira sessão, pois neste momento a cliente ainda estava sendo

exposta às primeiras investigações da terapeuta e dificilmente teria tanta consciência de suas dificuldades. Este resultado pode ser explicado em parte pelo fato de que a cliente deste estudo já parecia possuir um repertório interpretativo de entrada bem desenvolvido, ou seja, ela já devia refletir acerca de suas dificuldades seja sozinha, por meio de leituras ou conversando com terceiros antes mesmo de iniciar a terapia. Por outro lado, um exame da natureza das interpretações apresentadas pela cliente nas sessões iniciais poderia ser realizado em estudos posteriores visando esclarecer esta questão.

A ocorrência de percentuais elevados de proferimentos pertencentes à categoria de interpretação nas sessões iniciais também sugere que o comportamento da cliente de fornecer interpretações pode ter ficado sob controle de outras variáveis além das investigações conduzidas pela terapeuta. Pôde-se observar, por exemplo, que o comportamento interpretativo da cliente foi controlado pela discriminação de algumas variáveis, pelo contexto relacionado ao seu conhecimento, julgamento e experiência e pelas conclusões hipotéticas que ela formulou. Então, este comportamento ficou sob controle antecedente de estímulos discriminativos simples, condicionais ou contextuais, tendo sido selecionado por variáveis do ambiente (comportamento da terapeuta e da própria cliente na sessão) e da história da cliente enquanto falante (conhecimento teórico, experiência de vida, etc.). Não foram encontrados, na literatura, dados empíricos de estudos que respaldem tais conclusões, porém, é possível que a distribuição de proferimentos de um cliente pertencentes às diferentes categorias de comportamento verbal que ocorrem em sessões de terapia comportamental não seja exclusivamente determinada pela atuação de seu terapeuta na situação clínica, mas seja também produto de outras variáveis relacionadas tanto a contingências atuais (como o próprio comportamento verbal do cliente que ocorre durante a sessão) quanto a contingências históricas (como a atuação do terapeuta ocorrida em

sessões anteriores e outros eventos relativos à história de vida do próprio cliente).

Observa-se, ainda, que quatro das cinco categorias de comportamento verbal identificadas por Canaan (2002) também foram encontradas no repertório verbal da cliente em situação clínica, com exceção da categoria de aconselhamento identificada apenas nos proferimentos verbais da terapeuta. Portanto, tanto a terapeuta quanto a cliente informaram, investigaram, interpretaram e consequenciaram ao longo das sessões de terapia.

A ausência de proferimentos relativos à categoria de aconselhamento no desempenho verbal da cliente é um resultado esperado e pode ser explicado considerando-se que o aconselhamento, enquanto estratégia de modificação de comportamento, parece ser uma forma de atuação exclusiva do terapeuta na situação clínica, não se justificando a sua ocorrência no repertório verbal de um cliente. Por outro lado, a ocorrência da categoria Conseqüenciação no repertório verbal da cliente é um resultado não esperado considerando-se que, à primeira vista, esta poderia ser considerada uma categoria de atuação exclusiva do terapeuta; entretanto, a emissão de proferimentos de conseqüenciação por um cliente na situação clínica não parece ter a função de modificação do comportamento do outro, mas pode estar relacionada ao processo de reforçamento social generalizado que ocorre naturalmente na sua interação com o terapeuta. Portanto, os proferimentos conseqüenciadores da cliente, embora topograficamente semelhantes aos da terapeuta, parecem ser funcionalmente diferentes.

A identificação e descrição de três categorias interpretativas relacionadas aos diferentes comportamentos verbais da cliente em situação de terapia comportamental foram realizadas com base na análise do conteúdo dos proferimentos da terapeuta pertencentes à categoria de interpretação conduzida por Canaan (2002). A cliente interpretou com a função de informar a terapeuta (interpretação informativa), buscar informações sobre eventos e relações entre eventos (interpretação in-

vestigativa) e prover explicações à terapeuta sobre as suas dificuldades e seus fatores determinantes (interpretação explicativa). Esse resultado sugere que a interpretação de um cliente no contexto da terapia comportamental possui diferentes funções.

Os dados também indicam que as interpretações explicativas tendem a ocorrer em ciclos. Uma hipótese para isso é que, num momento inicial, a cliente estaria buscando descrever e estabelecer relações entre eventos e, à medida que uma determinada temática foi sendo explicada pela terapeuta, as interpretações da cliente ocorreram com maior percentual até que o tema tenha sido esclarecido e novas temáticas surgiram, dando início a novos ciclos de interpretações. Um outro dado que pode apoiar esta hipótese é a ocorrência de interpretações investigativas no início de três dos quatro ciclos, conforme pode ser percebido nas sessões 1, 8 e 14, o que sugere que quando temas novos surgem a cliente tende a buscar a existência de possíveis relações entre eventos e à medida que a terapeuta vai esclarecendo tais relações o percentual de interpretações investigativas diminui e o de interpretações explicativas aumenta.

A distribuição dos proferimentos interpretativos da cliente nas categorias de interpretação explicativa e informativa também parece possuir uma relação direta com a distribuição dos proferimentos interpretativos da terapeuta (Canaan, 2002), pois, se a interpretação investigativa teve uma maior prevalência no discurso da terapeuta, a interpretação explicativa foi a categoria que obteve o maior percentual nos proferimentos da cliente e, se a interpretação explicativa foi a categoria que ocorreu com o segundo maior percentual nos proferimentos da terapeuta, a interpretação informativa também teve uma segunda maior prevalência no discurso da cliente. Esse resultado sugere que, quanto mais freqüentemente a terapeuta interpretou com a função de investigação, mais a cliente forneceu interpretações com a função de explicar seu próprio comportamento e/ou de terceiros. Por outro lado, acredita-se que

as interpretações informativas da cliente tenham favorecido a emissão de interpretações explicativas por parte da terapeuta, visto que informações fornecidas por um cliente a respeito das contingências atuais e históricas relacionadas às suas dificuldades constituem importantes elementos para a construção de explicações ou hipóteses por parte de um terapeuta.

A análise do foco da interpretação demonstrou que o *setting* terapêutico é um espaço privilegiado para a cliente falar de si mesma. Porém, apesar do *setting* terapêutico ser um espaço privilegiado para falar de si e dos próprios processos, compreender o próprio comportamento envolve entender o comportamento do outro, conforme indica a ocorrência considerável de episódios interpretativos pertencentes à categoria *Foco sobre o comportamento de terceiros*. É importante lembrar que o comportamento é uma relação entre o organismo e seu ambiente, o qual envolve tanto aspectos físicos como sociais (ou seja, o comportamento de outrem). Finalmente, a compreensão exclusiva do comportamento do outro também parece caracterizar-se como relevante para esta cliente, visto que aproximadamente um quarto dos episódios interpretativos pertencem à categoria *Foco sobre o comportamento de terceiros*.

Finalmente, a análise dos proferimentos interpretativos da cliente quanto às suas características principais revelou a ocorrência de interpretações analítico-comportamentais e interpretações não analítico-comportamentais. Pôde-se observar que, nas interpretações analítico-comportamentais, a cliente ser reportou, de alguma forma, à história de reforçamento e as variáveis de controle atuais. Verificou-se também que as interpretações não analítico-comportamentais caracterizaram-se por proferimentos em que a cliente explicou seu próprio comportamento e/ou de terceiros por referência a variáveis internas, conceitos do senso comum, sua experiência pessoal e cultural, etc. Não foi encontrado na literatura registro de dados empíricos sobre este tipo de interpretação da cliente, o que indica que mais

estudos precisam ser desenvolvidos com base em observação direta daquilo que os clientes realmente fazem ao emitir comportamento verbal interpretativo em situação clínica.

No que se refere à generalidade, os dados produzidos pelo presente estudo apresentam limitações características de todo estudo de caso. Embora os estudos de caso tenham sido adotados e defendidos pela Análise do Comportamento, desde suas origens, como uma forma de pesquisa em Psicologia, a análise do comportamento interpretativo

de uma cliente atendida por uma terapeuta-estagiária no contexto clínico realizada neste trabalho gera resultados altamente idiossincráticos. Por essa razão, a questão da generalidade merece ser melhor examinada em estudos posteriores. Entretanto, considera-se que o presente trabalho pode contribuir para ampliar a compreensão da interpretação do cliente no contexto clínico ou do uso que os clientes fazem da interpretação na situação de terapia comportamental.

Referências Bibliográficas

- Abib, J. A. D. (2003). Behaviorismo Radical e Interpretação. In M. Z. S. Brandão & cols (Orgs), *Sobre Comportamento e cognição: A história e os avanços, a seleção por conseqüências em ação*, 11, 57-65. Santo André: ESETec.
- Bennett, M. L. (1987). Radical behaviorism analysis of interpretive verbal behavior in applied settings. Doctoral Dissertation, Graduate Psychology Program, University of Nevada. Reno.
- Canaan, S. (2002). *A interpretação na Terapia Comportamental: Um estudo exploratório com uma terapeuta em treinamento*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília-DF.
- Delitti, M. (1997). Análise funcional: o comportamento do cliente como foco da análise funcional. In M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo comportamental*, 2, 35-42. São Paulo: ARBytes.
- Ferster, C. B. (1979). A laboratory model of Psychotherapy: The boundary between clinical practice and experimental psychology. In P. Sjöden, S. Bates & W. Dockens, III, *Trends in Behavior Therapy*. London: Academic Press.
- Goldiamond, I. & Dyrud, J. (1968). Some applications and implications of behavioral analysis for psychotherapy. *Research in Psychotherapy*, 3, 54-89.
- Guilhardi, H. J. & Queiroz, P. B. P. S. (1997). A análise funcional no contexto terapêutico: o comportamento do terapeuta como foco da análise. In M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental*, 2, 43-93. Santo André: ABPMC.
- Kerbaux, R. R. (1999). Pesquisa em terapia comportamental: problemas e soluções. In R. Kerbaux & R. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação*, 4, 61-68. São Paulo: ARBytes.
- Koogan, A. & Houaiss, A. (1999). *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Seifer.
- Oliveira, W. (2001) Terapia por contingências: o terapeuta como comunidade verbal anti-metalista. Em H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, 7, 297-312. Santo André: ESETec.
- Queiroz, P. B. P. S & Guilhardi, H. J. (2001). Identificação e análise de contingências geradoras de ansiedade: caso clínico. In H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, 7, 257-268. Santo André: ESETec.

- Skinner, B. F. (1959). The operational analysis of psychological terms. *Cumulative Record*. New York: Appleton-Century-Crofts. (Publicado originalmente em 1945).
- Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal*. (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1957).
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. (A. L. Néri, Trad.). Campinas: Papirus. (Trabalho original publicado em 1989).
- Zamignani, D. R. & Andery, M. A. P. A (2005). Interação entre terapeutas comportamentais e clientes diagnosticados com transtorno obsessivo-compulsivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(1), 109-11.

Recebido em: 31/10/2007

Primeira decisão editorial em: 28/11/2007

Versão final em: 28/04/2008

Aceito para publicação em: 10/01/2008